

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

WILLIAM RODRIGUES RAMOS

**CÂMERA DE CELULAR NAS REPORTAGENS DO TELEJORNAL RBS NOTÍCIAS:
Uma perspectiva dos repórteres cinematográficos**

PORTO ALEGRE

2021

WILLIAM RODRIGUES RAMOS

**CÂMERA DE CELULAR NAS REPORTAGENS DO TELEJORNAL RBS NOTÍCIAS:
Uma perspectiva dos repórteres cinematográficos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Ms. Alexsandro
Teixeira Ribeiro.

PORTO ALEGRE

2021



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos três dias do mês de junho de dois mil e vinte e um realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante William Rodrigues Ramos, portador do Registro Uninter 1994386 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade monografia, sob o título CÂMERA DE CELULAR NAS REPORTAGENS DO TELEJORNAL RBS NOTÍCIAS: Uma perspectiva dos repórteres cinematográficos e orientação do/a professor/a Alexsandro Ribeiro, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Karine Moura Vieira

Examinador/a 2: André Corradini

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: noventa

Sendo assim, considerou-se o/a estudante Aprovada

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:

Examinador/a 1:

Examinador/a 2:

Estudante:

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo identificar as práticas e adaptações jornalísticas no telejornal RBS Notícias, principalmente durante o isolamento social devido à pandemia de Covid-19 no Rio Grande do Sul. Motivado pelo aumento do uso de imagem de celular nas produções de reportagens para o telejornal RBS Notícias, foram feitas pesquisas e abordagens para entender como esse processo de mudança é percebido pelos repórteres cinematográficos. Para isso, utilizou-se de pesquisas bibliográficas sobre a trajetória do telejornalismo na TV e também sobre suas técnicas, que descreve o jornalismo. Posteriormente, há a utilização do método de pesquisa qualitativa, dado por meio de entrevistas em profundidade com os repórteres cinematográficos da emissora RBS TV. Esse método visa coletar informações e obter respostas por meio de fontes ligadas à prática profissional. Assim, terá a perspectiva dos repórteres cinematográficos referente às mudanças e adaptações desses profissionais, diagnosticando se há algum prejuízo na sua rotina de trabalho, bem como na produção de reportagens para o telejornal local.

PALAVRAS-CHAVE: Repórter cinematográfico; RBS Notícias; telejornal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA	6
3 O TELEJORNALISMO	8
3.1 BREVE PROCESSO DE REPORTAGEM NA TELEVISÃO.....	8
3.2 AS NOTÍCIAS ATRAVÉS DAS IMAGENS DE CÂMERAS	9
3.3 O REPÓRTER CINEMATOGRAFICO	10
4 O USO DE IMAGENS DE CELULAR NO JORNALISMO	12
4.1 O USO DE CÂMERAS DE CELULAR NO RBS NOTÍCIAS	13
5 ANÁLISE E ENTREVISTAS COM OS REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS	18
5.1 AS REPORTAGENS REALIZADAS COM O USO DA CÂMERA DE CELULAR	19
5.2 SUBSTITUIÇÃO DE CAMCORDER PELO APARELHO CELULAR	20
5.3 REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS OPERANDO CÂMERAS DE CELULAR ...	21
5.4 REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS E A IMPORTÂNCIA DA PROFISSÃO	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICES.....	28

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus que se instalou no mundo fez com que muitos profissionais se moldassem à nova forma de viver. As novas normas de isolamento social forçaram os repórteres a trabalharem em *home office*¹. Essa mudança obrigou aos profissionais as novas adaptações de trabalho como a utilização de câmera de celular, que, mesmo antes usada, aumentou significativamente para as produções. No telejornal RBS Notícias pós-pandemia de Covid-19, por exemplo, modificou todo o processo de produção de uma reportagem devido à redução de profissionais/pessoas a circular nas ruas e, principalmente, em ambientes fechados nas produções de pautas.

Com essas novas estratégias de práticas profissionais, busca-se entender, saber e responder à questão desta pesquisa: qual a percepção da categoria dos repórteres cinematográficos sobre o impacto que o celular tem na qualidade da produção do material telejornalístico?

A maior motivação para o tema escolhido é a aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa, sendo colaborador da empresa onde será feita a pesquisa e atuante como profissional da área de operações cinematográficas. Assim a otimização de tempo e espaço se fez em conjunto com as normas destacadas para a prevenção de Covid-19.

Assim, o cerne desta pesquisa partiu das quatro vertentes:

- a) a importância de um repórter cinematográfico na produção de reportagens;
- b) a adaptação jornalística para os profissionais;
- c) a crescente inserção de videorepórter ou repórter-abelha nas redações,
- d) a entrevista com os repórteres cinematográficos que atuaram nesse período, tanto com câmeras *camcorders*² quanto com celulares.

Sabe-se que o jornalismo de televisão, assim como outros meios de comunicação, tem como um dos seus objetivos transmitir informação à sociedade. Então no referencial teórico, utilizando a autora Luciane Bacellar (2005), serão mostradas algumas definições sobre televisão, telejornalismo, sobre a história e seu desenvolvimento; a evolução do telejornalismo ao longo dos anos, suas modificações e adaptações. Buscam-se as definições de telejornalismo utilizando o autor Gilvan Araujo (2017). Serão descritas a história do telejornal e as técnicas utilizadas para que as

¹ *Home office* – O escritório em casa.

² *Camcorder* – É um dispositivo eletrônico portátil que grava vídeo e áudio em dispositivos de armazenamento.

notícias dentro de um telejornal sejam eficazes, de qualidade, mostrando-se adeptas ao mundo de transformações, que veio ao longo do período tecnológico. Já utilizando o autor Heródoto Barbeiro, mostra-se o manual do telejornalismo, referenciando as técnicas citadas acima.

A maneira de analisar os dados recolhidos em entrevista se deu por parte do livro “Teorias do Jornalismo”, de Felipe Pena, em relação com a teoria gnóstica. A teoria gnóstica diz exatamente sobre o caso que trará a discussão dos entrevistados: pessoas que trabalham no mesmo local, com pensamento e discursos basicamente parecidos.

Para conhecer como se deram essas adaptações, serão feitas entrevistas com cinco profissionais da área, escolhidos depois de analisar telejornais e perceber o quanto eles utilizaram esses novos formatos na produção de reportagens para o telejornal do Rio Grande do Sul, o RBS Notícias.

No capítulo de metodologia é abordado o método que norteou esta pesquisa. O capítulo seguinte tem como tema o telejornalismo, a história e suas vertentes de como é utilizado o telejornalismo desde que se deu o primeiro programa, como é definido o processo de reportagem na televisão, como as notícias são levadas a público por meio das imagens captadas por câmeras profissionais e o conceito do profissional da imagem no jornalismo. No próximo capítulo será abordada a utilização da imagem de celular no jornalismo e um recorte desse conceito no RBS Notícias. Para finalizar, temos a pesquisa de campo, que se deu por meio da entrevista de profissionais da imagem a respeito desse novo conceito de imagens feitas através de um celular.

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa escolhido é a entrevista dos repórteres cinematográficos do telejornalismo do RBS Notícias da emissora RBS TV no Rio Grande do Sul. Sendo assim, torna-se uma pesquisa com abordagem qualitativa se tratando da pesquisa em relação ao comportamento e explicativa, pois são as “Pesquisas explicativas que têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos”. (GIL, 2019, p. 61)

O estudo de caso contará com a coleta de dados, que será por meio de entrevistas, com perguntas abertas e fechadas. Serão feitas com cinco profissionais de captação de imagens que produziram reportagens nas novas adaptações, com o uso de câmera de celular. Terá também a pesquisa empírica, pois o pesquisador também tem novas conclusões e adaptações decorrentes de sua própria experiência dentro da emissora:

Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores. (YIN, 2001, p. 21)

Segundo Gil (2008), a entrevista estruturada traz as perguntas fixas, nas quais a ordem não precisa ser seguida com todos os entrevistados. Essa metodologia foi utilizada na abertura das entrevistas, podendo assim conhecer os pontos de vista de cada entrevistado. Já na fase semiestruturada, conforme Minayo (2010), é importante para que cada entrevistado consiga expor suas ideias, que tenha liberdade de expressão.

De acordo com Robert Yin (2001), estudo de caso é o tipo de pesquisa das experiências vividas pelos entrevistados, ou seja, o que sucedeu na vida profissional de cada pesquisado, no caso deste estudo, a experiência e perspectiva de cada repórter cinematográfico. O pesquisador, ao fazer o estudo de caso com esses profissionais, tem a possibilidade de deixá-los à vontade para relatar os detalhes do objetivo da entrevista, assim o pesquisador pode coletar os dados plausíveis para compor seu estudo de caso:

Assim, em um estudo de caso, o pesquisador deve aprender a integrar acontecimentos do mundo real às necessidades do plano traçado para a coleta

de dados; nesse sentido, o pesquisador não controla o ambiente da coleta de dados como se poderia controlar ao utilizar outras estratégias de pesquisa. (YIN, 2001, p. 93-94)

O levantamento de campo é de suma importância, pois é no espaço dos profissionais que se pode observar e ter as determinantes para essa qualificação. “O levantamento de campo possibilita o contato direto com as pessoas cujos comportamentos, atitudes, opiniões, crenças e valores se desejam conhecer.” (GIL, 2019, p. 61)

O método entrevista se faz importante partindo do princípio das validações de memórias e experiências, de modo que o entrevistador deixe seu entrevistado à vontade para que ele se envolva nas respostas, sem muitas interrupções e, ao mesmo tempo, se mostrando interessado. É através dessa coleta de informação de forma natural que as respostas se tornam fontes para o embasamento do conteúdo pesquisado.

Mesmo que tenha acontecido a entrevista remotamente, esse método de entrevista capta as informações necessárias para a composição da monografia. Conceituando assim:

[...] aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”. Esse método, por meio do seu fundamento teórico permite desvelar os processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos durante a investigação. (MINAYO, 2010, p. 57)

Contando também com a observação pós-entrevista, em relação à produção de notícias, será captado de cada entrevistado tudo o que não foi dito durante a própria entrevista, utilizando a percepção do que foi dito entrelinhas, ou até mesmo do que não foi dito. Pois, conforme Antonio Gil (2019),

Uma vantagem fundamental da observação é a de que possibilita saber o que as pessoas de fato fazem, em vez do que elas dizem que fazem. Nem sempre as pessoas estão dispostas a expressar suas opiniões em um questionário ou a dizer ao estranho que as entrevista o que realmente fazem ou pensam. Já a observação pode ser feita em situações da vida real, permitindo ao pesquisador o acesso ao contexto relacionado com os fatos que estão sendo pesquisados. Mesmo porque há situações em que é pouco provável que a presença de entrevistadores ou aplicadores de questionários produza respostas positivas. E também existem situações em que a comunicação não verbal se torna mais valiosa do que a verbal. (p. 113)

O ponto a ser destacado é que, com a entrevista dos repórteres cinematográficos, será importante identificar o quanto são essenciais, ou não, as novas tecnologias na produção das reportagens, também o impacto que essas geraram no processo de trabalho dos repórteres na prática profissional, e que pode acarretar na dificuldade de produção sem um repórter cinematográfico. Serão entrevistados cinco profissionais de diferentes editorias dentro do telejornalismo: Guto Teixeira, Halex Vieira, Alessandro Agendes, Glaucius Oliveira e Daniel Musa.

3 O TELEJORNALISMO

O jornalismo de TV, ou telejornalismo, é responsável pela informação de fatos para a sociedade. Com esse intuito, pretende, além de informação, noticiar o ocorrido, orientar a opinião da sociedade. Transmite notícias objetivas, imparciais, diretas, narrando apenas os fatos acontecidos. Sendo assim, o jornalismo torna-se extremamente importante para a comunicação social. (GOMES, 2007, p.14)

O telejornalismo teve início juntamente com a TV no Brasil em 1950. O primeiro telejornal era chamado de “Imagens do dia”, na extinta TV Tupi. O nome do programa era sugestivo para o que o jornalismo apresenta até hoje. No começo, não se tinha muitas referências das produções dos telejornais, havia muita inexperiência nesse ramo, o que levava a produções muito precárias, sem explorar imagens, sem recursos de câmeras e sem redatores, basicamente era o rádio feito na televisão.

Os recursos eram poucos para as estruturas televisivas, e os repórteres ficavam mais tempo dentro do estúdio do que nas ruas, o que se tornava o grande desafio de conciliar as informações repassadas e transmitir as imagens do ocorrido para o público. Esse contexto veio a mudar nos anos 1960, quando o telejornalismo começou a avançar com mais reportagens produzidas fora do estúdio. (REZENDE, 2000)

O telejornalismo na TV se tornou a fonte de informação da grande maioria dos brasileiros, contando com informações e notícias que estão acontecendo momentaneamente e também trazendo assuntos do passado. Conforme diz Ramonet,

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia [sic] básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (1999, p. 26-27)

Desde seu início, o jornalismo esteve presente tanto na distribuição de informação como no próprio impacto da sociedade como um todo. O que levou as produções a se adaptarem às tecnologias na comunicação das massas, exigindo cada vez mais produções de qualidade, como reportagens bem estruturadas, boa escrita, bom áudio, boa imagem e com agilidade para que possa atingir o público, exercendo cada vez mais a produção de informação.

3.1 BREVE PROCESSO DE REPORTAGEM NA TELEVISÃO

O jornalismo tem a função de identificar o que é notícia e repassar os fatos ao público. E no telejornalismo não há nada de diferente. Para a produção de uma reportagem na TV, é necessário um grande processo produtivo.

Quando se pensa em reportagem, primeiramente, se deve pensar se essa pauta é relevante. Pensar no texto da reportagem, pensar em como deve transmitir as imagens, que é uma das principais relações com o texto da pauta. Outro aspecto muito importante a ser destacado é a entrevista, pois a entrevista é o roteiro de sua abordagem.

A construção da grande reportagem, em que o narrador se transporta para dentro da condição do outro, convive com suas fontes, observa o cotidiano das pessoas e compartilha experiências e ambientes de cada personagem, traz uma grande contribuição ao jornalismo, pois permite captar e registrar experiências com marcas de autor. É um mergulho nos mistérios do mundo por meio da reportagem. (DEGL'IESPOSTI, 2009, p. 181)

A edição de uma reportagem também é muito importante, pois é na edição que acontece a produção final da reportagem. “Se a reportagem especial não pode abrir mão do olhar do repórter sobre os fatos, a garantia do equilíbrio muitas vezes está na mão do editor.” (CARVALHO, 2010, p. 67)

Assim, na emissão de uma reportagem, pode-se observar que é necessário um profissional da comunicação em cada processo. Desde a emissão da pauta, até mesmo a edição da reportagem. Cada telejornal conta com vários profissionais, como produtores, editores, repórter cinematográfico e repórteres. Ou seja, é uma produção totalmente em equipe.

3.2 AS NOTÍCIAS ATRAVÉS DAS IMAGENS DE CÂMERAS

Nas emissoras de televisão, em grupos de conversas, sempre se ouve a máxima de que “*televisão é imagem*”. Mas de que imagens estão falando? Precisa-se entender se são simples imagens ilustrativas que podem ser inclusive amadoras ou se partem do princípio de imagens técnicas e plásticas com olhar jornalístico e poético, conforme explica sobre o que a imagem representa no mundo do telejornalismo:

Elas não estão ali apenas para servir de cenário para a ação ou comprovar o que vem sendo dito no texto do repórter: ela tem o papel de convencer o telespectador de que aquilo de fato aconteceu. A mídia aposta nesse efeito de transparência da imagem para que a realidade proposta por ela chegue ao telespectador como se fosse um recorte do real sem intervenção. (SOUZA, 2010, p. 38)

As imagens são os elementos visuais que, juntamente com a sonora, perfazem uma reportagem, ou seja, o trecho da reportagem em que aparece o entrevistado dentro do telejornalismo. É de suma importância que essas imagens sejam pensadas em termos de iluminação e enquadramento. Sendo que, muitas vezes, o texto só é compreendido por meio das próprias imagens selecionadas, tanto pelo repórter cinematográfico quanto na edição e formulação da reportagem. Na figura 1 pode-se ver a produção de uma sonora em um ambiente de pouca luz, um cenário feito com iluminação artificial, ou seja, toda a iluminação foi pensada para que o enquadramento tivesse relação com o tema proposto na reportagem em questão.

Não há fato que dispense a cobertura fotojornalística. Imagem e texto se complementam no jornalismo moderno: a primeira mais emocional e sintética, atinge logo e direta mente o leitor; o segundo, mais racional e analítico, leva mais tempo para ser assimilado. Mas a contribuição do fotojornalismo vai além da documentação iconográfica. Ele também criou uma linguagem peculiar, com códigos próprios e formas características de trabalhar os elementos da fotografia. Cabe a os fotojornalistas a importante missão de nos levar ao local da ação, no instante exato e em que ela acontece (MARTINS, 2010, p.30).

Figura 1 – Bastidores de uma sonora

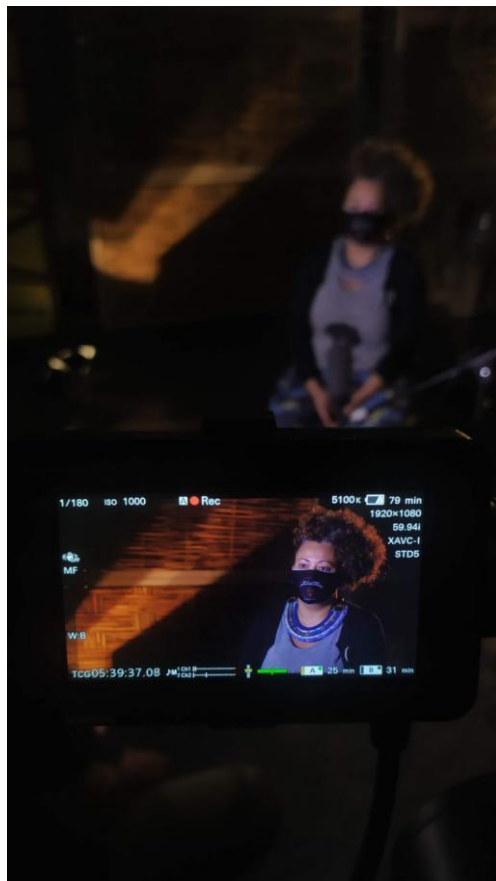


Fonte: Acervo do autor

Na figura 2, vê-se o resultado com três pontos de luzes artificiais: luz de ataque (luz no rosto do entrevistado), a contraluz (luz faz silhueta no entrevistado) e a luz de fundo (serve como elemento de composição para o enquadramento). Nessa imagem é

possível ver o resultado no próprio monitor da câmera. Já na figura 3 vemos o resultado da produção da figura 1 e 2.

Figura 2 – Retorno de vídeo de uma câmera *camcorder*



Fonte: Acervo do autor

Figura 3 – Reprodução da reportagem no telejornal



Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

É preciso que o repórter cinematográfico e o repórter estejam alinhados sobre a pauta na mesma proporção, havendo troca de ideias para que o texto complemente a imagem e vice-versa. Com isso, “as imagens seriam portadoras de uma objetividade intrínseca, capazes de proporcionarem credibilidade ao texto verbal”. (LEAL, 2006, p. 2) Nessa perspectiva, a imagem torna-se os olhos do telespectador, transportando-o para o local do fato.

3.3 O REPÓRTER CINEMATOGRAFICO

Desde 1979 a atividade de repórter cinematográfico é reconhecida como uma das funções de um jornalista de acordo com o Decreto 83.284/1979, mas nesse mesmo decreto consta que não é necessário o diploma de formação acadêmica para que se exerça a profissão.

No telejornalismo, cabe ao repórter cinematográfico a função não só de um mero operador de câmera, mas sim de aproximar o telespectador da situação ocorrida. É desse profissional a responsabilidade de contar através da imagem o que está acontecendo em um determinado local. A credibilidade da reportagem na TV só é conquistada quando texto e imagem têm a mesma proporção de relevância, isso porque “de sua sensibilidade, expertise e do seu treinamento dependem, em certa

medida, a reportagem da TV”. (REIS, 2017, p. 5) Com isso o repórter cinematográfico é essencial para o processo produtivo do telejornalismo.

Conforme Gonçalves, p. 25, na maioria das emissoras de televisão brasileira, o profissional da imagem ainda é visto como uma peça periférica, não obtendo o reconhecimento que de fato a sua função exige. De certa forma ele é oferecido ao repórter apenas como um facilitador no processo de produção da reportagem, ele é a pessoa que vai isentar a responsabilidade do repórter de pensar em imagem para que o repórter tenha mais tempo para pensar no seu texto, algo que não deveria acontecer:

O repórter cinematográfico constrói a matéria em conjunto com o repórter de texto. A ele cabe a interpretação do ato por meio de captação imagética e a técnica por si só não é suficiente na produção de cenas significativas e interessantes. Juntos, a capacidade de percepção, a sensibilidade e o conhecimento potencial que a imagem tem para ser processada em notícia fazem a função do cinegrafista tarefa digna de reconhecimento profissional da categoria. (REIS, 2017, p. 11)

Com o cenário atual, o repórter cinematográfico tende a se sentir desmotivado tanto financeira como profissionalmente, fazendo com que seu produto final fique prejudicado. “Dada à circunstância de que ele deveria ser reconhecido como um jornalista, porque tem uma importância equivalente a um repórter de texto e não apenas uma contribuição complementar para o produto telejornalístico”. (REIS, 2017, p. 3)

A discussão sobre a pesquisa então tem referência sobre a importância desse profissional nas produções jornalísticas independente do equipamento de captação, pela necessidade técnica e conhecimento da função e não somente do conhecimento do equipamento a ser operado.

Figura 4 – Repórter cinematográfico desempenhando seu trabalho



Fonte: Acervo do autor

3.4 PERFIL DO GRUPO PROFISSIONAL NO JORNALISMO

O perfil profissional, muitas vezes, se dá em relação ao local de trabalho, podendo-se perceber alguns aspectos comuns dentro de um mesmo ambiente. A troca de informações e experiências de um determinado grupo profissional pode, mesmo de forma inconsciente, fazer com que eles acabem tendo as mesmas características em ver determinadas situações.

Nesse caso, trata-se da teoria gnóstica, que, segundo Pena (2005, p. 141): “Esse compartilhamento é nitidamente uma operação gnóstica, com ritos de passagem e forte conotação de conhecimento secreto, só acessível a uns poucos iniciados, os próprios jornalistas”.

A teoria gnóstica é, inicialmente, um conceito religioso, mas surgiu como um conceito jornalístico, quando Pena (2005) a relacionou com o conhecimento através de tradições e ritos secretos que um determinado grupo. Em decorrência desse conhecimento, constrói-se a identidade do grupo. O grupo que tem as mesmas experiências, as mesmas vivências, os mesmos colegas, os mesmos ritos em relação ao ato profissional, ou seja, na mesma empresa.

Esse grupo, como já mencionado nesse trabalho de conclusão, constrói uma identidade própria, isso começa quando um profissional é contratado e é batizado nas redações pelos próprios colegas, fazendo com que esse novo profissional se encaixe nos parâmetros preestabelecidos através da convivência e rotina dos demais.

Assim, seguindo esse formato de convivência, começam os “ensinamentos” das artimanhas de cada local, passando ao profissional novato como ele deve se portar dali para frente em relação ao seu comportamento profissional. Esse ensinamento se dá por meio do vocabulário, quando o profissional novato começa a se adequar e fazer parte daquele grupo, que começa a se identificar:

Não parece difícil identificar a transmissão por tradição nesses saberes, exatamente como nas práticas gnósticas. E são conhecimentos restritos ao grupo, uma espécie de manual de práticas específicas, cujos segredos são passados aos iniciantes pelos veteranos. Além disso, os saberes são ratificados com o famoso catálogo de histórias, proporcionando aos novatos a possibilidade de construir seus discursos a partir de outros relatos. Assim, forma-se o senso comum, o livro gnóstico da profissão. (PENA, 2005, p. 140)

Além do ensinamento e conhecimento que são repassados dentro de uma determinada instituição, muitas delas trazendo o nome de processo de atividades, temos a relação de comportamento desse grupo, ou seja, como são os padrões em determinado local. Todas essas características que envolvem o comportamento jornalístico são destacadas em relação aos discursos reproduzidos mesmo que inconscientemente. Onde, muitas vezes, os discursos entre si geram comportamentos praticamente iguais. Ou seja, esse grupo vê, fala e age praticamente igual.

4 O USO DE IMAGENS DE CELULAR NO JORNALISMO

Com a evolução dos aparelhos celulares, desde o início dos anos 2000, os aparelhos começaram a integrar câmera digital com foto, vídeo e captura de áudio em um mesmo dispositivo. A partir disso os celulares começaram a fazer parte das redações não só para ligações e mensagens, mas também como uma ferramenta para a captação de conteúdos que se espalham rapidamente com apenas um clic. Como cita Martins, com um celular na mão pode-se fazer o registro de tudo que há em sua volta:

Nunca se fotografou tanto quanto neste princípio de século XXI. Celulares comuns, smartphones, palmtops, máquinas analógicas e digitais capturam milhões de imagens por minuto em todos os pontos do planeta. Fotografa-se tudo a qualquer momento, em qualquer lugar, sob qualquer pretexto. (MARTINS, 2010, p. 16)

Com o decorrer dos anos, a tecnologia dos celulares vem avançando de forma que a qualidade, principalmente da câmera do dispositivo, se aproxime muito da qualidade de imagem das *camcorders* de telejornalismo. Como menu de configuração da câmera, ajuste de foco, número de frames por segundo, ou seja, quantos quadros o sensor registra por segundo ou até mesmo com uma configuração de qualidade da imagem, podendo chegar a 4K (2304p x 4096p).

Esse processo facilitou a inserção do videorepórter de forma mais viável e prática. O videorepórter ou repórter-abelha tem se tornado uma realidade principalmente em sucursais de emissoras onde a estrutura é mais precária, de forma que somente um jornalista, apenas com um celular, consegue produzir uma matéria desde o texto, a captação de imagens e o envio do conteúdo para a emissora sede.

Outro ponto, e o mais contemporâneo deles, que acelerou a inserção do uso de celular na produção de conteúdo jornalístico foi a pandemia de Covid-19. Devido ao isolamento social desde o fim do mês de março de 2020, foram modificados os sistemas de trabalho para *home office*. As rotinas tiveram que ter adaptações na sociedade mundial como um todo, até mesmo no mundo do trabalho.

Em relação aos jornalistas, as adaptações ocorreram de forma simultânea às leis, aos decretos impostos por estados e municípios. Assim, tanto nas produções quanto nas abordagens para as entrevistas, eles tiveram que se adequar buscando

assim fazer de sua casa a sua própria redação. O que levou a modificar também a grade de horários por dia.

Também é preciso saber se as condições de *home office* suprem as necessidades do dia a dia dos profissionais, tais como apoio técnico, *softwares* iguais aos disponíveis no local de trabalho presencial, para que não haja prejuízos nas produções jornalísticas. Para saber se é possível o material ter a mesma qualidade das produções presenciais, é necessário que o pesquisador faça as análises de imagens e fazer a percepção do que deixa de oferecer em questão de qualidade.

4.2 USO DE CÂMERAS DE CELULAR NO RBS NOTÍCIAS

Com a chegada da pandemia de Covid-19 percebeu-se a diminuição de repórteres nas ruas, e isso fez com as produções jornalísticas tenham perdido e foi necessário otimizar o tempo, o espaço e o fator humano.

Para saber o índice dessas mudanças é necessário fazer algumas investigações:

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objecto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos. Os critérios específicos que presidem à recolha e à estruturação do material observativo que foi sendo acumulado podem ser diversos, o que importa é que a fase de observação, isto é, da presença do investigador no local, esteja sempre ligada a hipóteses de pesquisa, seja orientada segundo pressupostos teóricos precisos e não indiferenciada e casual. (WOLF, 1994, p. 186)

O local de pesquisa será o programa de telejornalismo RBS Notícias da afilhada da TV Globo no Rio Grande do Sul, a RBS TV. Ele é exibido de segunda a sábado no início da noite, com uma média de vinte minutos diários. Em uma análise de uma plataforma do Grupo Globo, o Globoplay, foi possível identificar algumas mudanças e adaptações a novas formas de produzir um telejornal, tais mudanças alavancadas pela pandemia de Covid-19.

Os dados coletados nessa análise ocorreram de forma em que se observou o telejornal pesquisado durante uma semana, do dia 09/03/2020 (segunda-feira) a 14/03/2020 (sábado), semana essa que antecedeu as medidas e os decretos de isolamento social devido a pandemia de Covid19. Conclui-se que antes da pandemia o telejornal exercia um formato convencional do telejornalismo brasileiro em suas reportagens, captação de imagens com *camcorders* e a seguir:

Tabela 1 – Tempo das reportagens divididas em celular x *camcorder* antes da pandemia

Dados tabulados em horas			
	Celular	<i>Camcorder</i>	Tempo total do RBS Notícias
Segunda	00:01:13	00:11:47	00:18:00
Terça	00:01:41	00:08:11	00:19:00
Quarta	00:00:00	00:10:54	00:15:00
Quinta	00:00:28	00:11:49	00:18:00
Sexta	00:01:02	00:11:09	00:18:00
Sábado	00:01:01	00:10:30	00:17:00
Total semanal	00:05:25	01:04:20	01:45:00

Fonte: Elaborado pelo autor

*Obs.: O tempo total do programa soma as intervenções dentro do estúdio, previsão do tempo e artes gráficas nas reportagens. Não consideradas na pesquisa.

É possível perceber que em 1 hora e 45 minutos do vídeo, tempo total de programa na semana, pouco mais de cinco minutos foram utilizados com o uso da câmera de algum celular na produção das reportagens, enquanto as *camcorders* ocuparam mais de uma hora do tempo semanal do programa, ou seja, o tempo maior se deu por parte de câmeras convencionais. Segundo o livro “A Imagem” (AUMONT, 2002, p.175), o mais importante não é o dispositivo que está entre o espectador e a imagem, mas sim o olhar e a noção do transmissor.

Observamos esses mesmos dados transformados em porcentagem. Onde as câmeras comcorders nas produções de reportagens eram mais utilizadas.

Tabela 2 – Porcentagem das reportagens divididas em celular x *camcorder* antes da pandemia

Dados tabulados em %		
	Celular	<i>Camcorder</i>
Segunda	7%	65%
Terça	9%	43%
Quarta	0%	73%
Quinta	3%	66%
Sexta	6%	62%
Sábado	6%	62%
Total semanal	5%	61%

Fonte: Elaborado pelo autor

Mas vivemos em um mundo que está atrelado cada vez mais em convergência de tecnologia, onde é preciso se adaptar ao novo a todo e qualquer momento, e à objetividade de ter um dispositivo mais prático como um celular, assim se tornando mais rápida as produções de pautas.

Duas semanas depois foi feita a mesma análise, portanto nos programas exibidos do dia 06/04/2020 (segunda-feira) a 11/04/2020 (sábado). Na semana em questão, todas as medidas de isolamento já haviam sido tomadas, e notam-se muitos repórteres em *home office*, trabalhando sozinhos, sem a presença de um videorepórter, fazendo todo o tipo de captação, na sua maioria com um celular, mudando totalmente o formato de captação das reportagens e os números, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 3 – Tempo das reportagens divididas em celular x *camcorder* durante a pandemia

Dados tabulados em horas			
	Celular	<i>Camcorder</i>	Tempo total do RBS Notícias
Segunda	00:06:33	00:07:29	00:26:00
Terça	00:08:19	00:08:21	00:27:00
Quarta	00:10:21	00:05:54	00:26:00
Quinta	00:08:32	00:07:03	00:22:00
Sexta	00:05:43	00:09:39	00:27:00
Sábado	00:04:56	00:05:47	00:12:00
Total semanal	00:44:24	00:44:13	02:20:00

Fonte: Elaborado pelo autor

*Obs.: O tempo total do programa soma as intervenções dentro do estúdio, previsão do tempo e artes gráficas nas reportagens. Não consideradas na pesquisa.

São números que realmente impressionam. Algo que parecia totalmente, ou quase totalmente, fora do formato usual para o telejornal foi a saída na adaptação à pandemia de Covid-19. Ou seja, os profissionais tiveram que se adaptar aos novos formatos e fez com eles recorressem ao uso de câmera de celular para gravar suas próprias entrevistas, pautas e produções.

Em porcentagem se observa melhor o quando cresceu o número de reportagens produzidas com as câmeras de celulares.

Tabela 4 – Porcentagem das reportagens divididas em celular x *camcorder* durante a pandemia

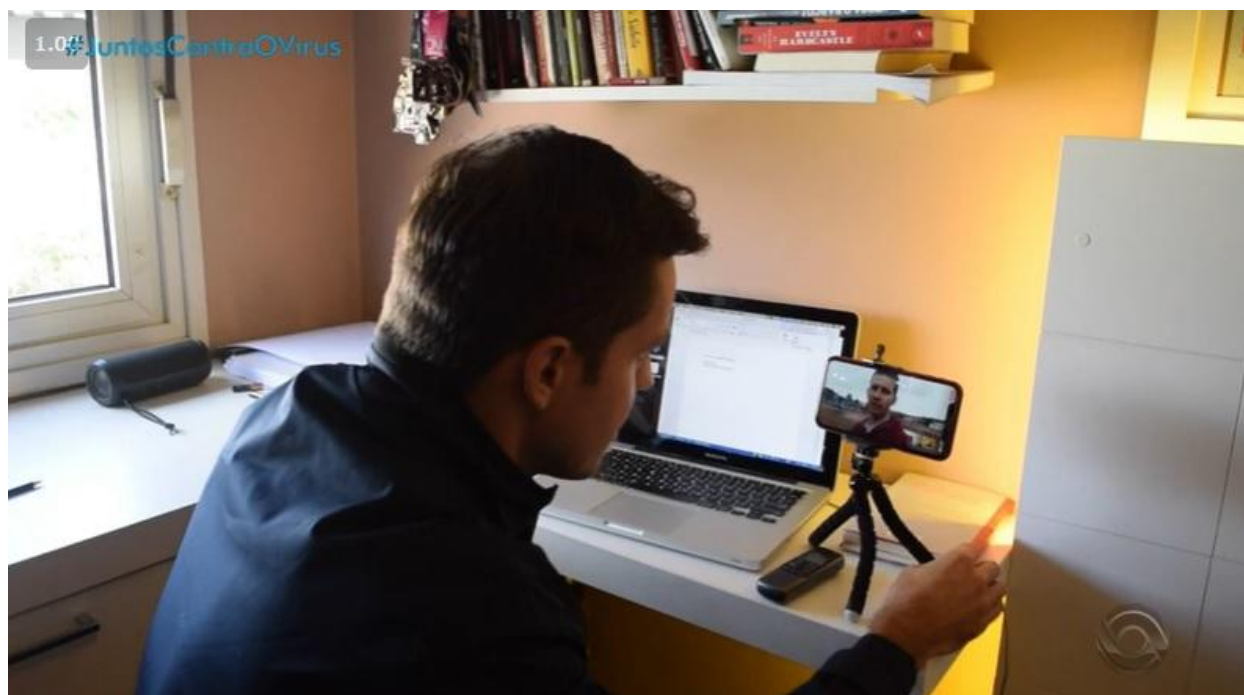
Dados tabulados em %		
	Celular	<i>Camcorder</i>
Segunda	25%	29%
Terça	31%	31%
Quarta	40%	23%
Quinta	39%	32%
Sexta	21%	36%
Sábado	41%	48%
Total semanal	32%	32%

Fonte: Elaborado pelo autor

A análise apresenta uma realidade totalmente diferente durante a pandemia, o que mostra que a adaptação não era só possível, como era necessária. A pandemia fez as reportagens do telejornal convergirem.

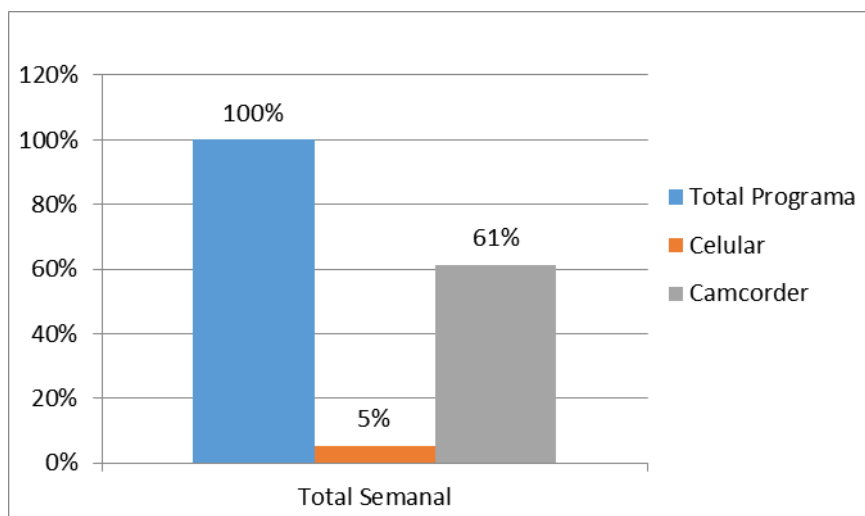
Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2013, p. 29)

Os dados coletados afirmam que não só houve um aumento na utilização de câmeras de celular nesse período, comparados aos números de imagens dos mesmos na semana anterior, como mostram um equilíbrio entre *camcorder* e celular nas reportagens do telejornal na semana de isolamento.

Figura 5 – Repórter em *home office* gravando com celular

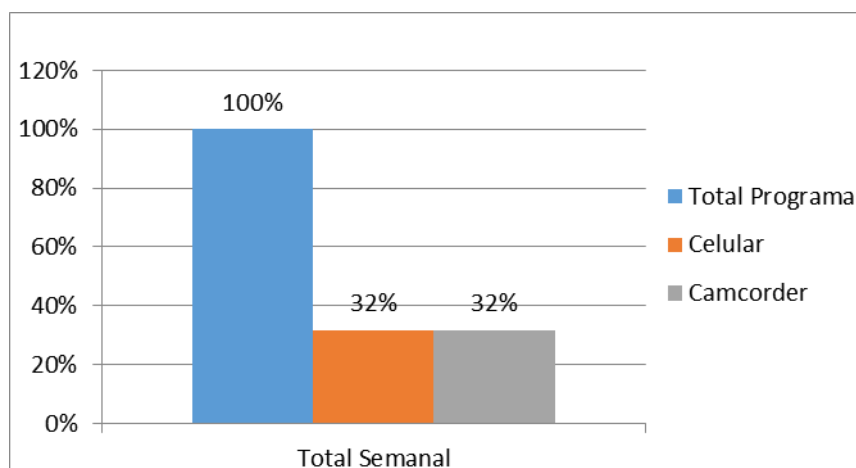
Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

Gráfico 1 – Semana anterior à pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 2 – Semana durante a pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor

Para que essa mudança tenha acontecido foi necessária uma adaptação dos repórteres nas produções de reportagens diárias. Visto que essa mudança ocorreu de fato para aprofundar mais os aspectos que se referem a essas produções, foi necessário que se fizesse uma entrevista de campo com repórteres cinematográficos para saber como é desempenhada a sua função nesse novo formato.

Cinegrafista é um agente da reportagem e deve opinar sobre todo o processo de produção, e não somente sobre a estética e as questões referentes às paisagens a serem selecionadas. Ainda deve participar da construção da reportagem desde a conversa com o editor-chefe até a execução final da última edição do produto. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 44)

Com base na entrevista, poderá ser entendido se esse meio de comunicação em massa, mais especificamente o jornalismo televisivo, está se adaptando às novas tecnologias que o mercado oferece.

5 ANÁLISE E ENTREVISTAS COM OS REPÓRTERES CINEMATOGRAFÍCOS

A presente pesquisa, como indicado no capítulo metodológico, definiu-se pela entrevista semiestruturada, que, segundo Haguette (1995), definiu a entrevista como uma interação com o entrevistado, obtendo assim informações através do roteiro preestabelecido pelo entrevistador em cima de um assunto determinado.

Definiu-se também realizar a pesquisa junto aos profissionais repórteres cinematográficos da empresa RBS TV, devido ao fácil acesso aos profissionais, uma vez que o presente pesquisador integra a equipe, que é composta por 24 repórteres cinematográficos. Com isso, espera-se obter um cenário de percepção dos profissionais sobre o uso do equipamento tecnológico na produção jornalística:

Na visão holística do mundo, o observador não pode ter uma leitura correta da realidade se não se preparar, ele próprio, para a condição necessária à nova perspectiva de entendimento. Observador, observado e a coisa observada transformam-se em interação sistêmica, crescem para novos níveis de compreensão. Só assim, mediante a experiência própria, o jornalista terá capacidade de despertar, no leitor, os estados de percepção similares aos que vivenciou. (LIMA, 1995, p. 258-259)

Conforme Calil e Arruda (2004), referindo-se à pesquisa qualitativa, pode-se dizer que, ao investigar dados descritivos dessa situação que ocorre com os cinegrafistas, o que envolve diretamente o pesquisado com o pesquisador, enfatiza-se que esse processo está mais voltado em captar tanto a perspectiva dos entrevistados como a facilidade de entendimento do entrevistador.

O método de entrevista de campo se dá através de áudio e de questionário escrito com perguntas fechadas, como já citadas na metodologia. Devido ao distanciamento social, essa entrevista foi feita por *WhatsApp*³, na qual alguns entrevistados digitaram suas respostas e outros fizeram em forma de áudio. Isso pode ter engessado um pouco a finalidade da entrevista, por não possuir a percepção real do entrevistador, apenas a observação do que se pode captar em relação ao virtual. Contudo, não se perde a qualidade das respostas obtidas.

A entrevista foi executada com os profissionais de uma mesma empresa: Alessandro Agendes, Daniel Musa, Glaucios Oliveira, Guto Teixeira e Halex Vieira. Esses profissionais foram escolhidos por trabalharem em editorias diversas e distintas, assim são analisadas as perspectivas de diferentes ângulos. Sendo que as respostas

³ *WhatsApp* – Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

podem se direcionar para uma mesma hipótese, por causa da vivência profissional parecida ou por pertencer a uma mesma empresa.

O entrevistado por áudio, o repórter cinematográfico Alessandro Agendes, tem editoria voltada ao jornalismo geral, produzindo pautas de gaveta, ou seja, uma pauta que não tem prazo de validade, podendo ser exibida quando não há pautas factuais.

Esse tipo de pauta pode ser produzido quando a equipe tem mais tempo para o planejamento da pauta, seguindo de captação do material, com tempo maior de edição e finalização, ou seja, pautas produzidas. Esse profissional tem 22 anos de atuação na área, dos quais 17 anos dedicados à RBS TV, empresa na qual foi feita a pesquisa de campo.

Os demais profissionais foram entrevistados através de questionário escrito, como Daniel Musa, profissional que tem 27 anos de carreira, dos quais 19 são dedicados à RBS TV. Ele trabalha na área de eventos com *Broadcast* e jornalismo esportivo. Nesse currículo, abrange coberturas importantes como: duas Olimpíadas, três Copas do Mundo, dois Mundiais de Clube e cinco finais de copas Libertadores da América.

Glaucios Oliveira trabalha na RBS TV há 13 anos e tem 30 anos de profissão. Nos últimos quatro anos, faz parte da editoria de reportagem investigativa, atuando em reportagens de alto risco, operando microcâmeras escondidas.

Guto Teixeira tem 23 anos de profissão, atuando na RBS TV há 15 anos. Atualmente trabalha na editoria de jornalismo geral, mais voltada a *Hard News*⁴, situações factuais do dia a dia. E, nesse caso, tornou-se um dos tutores de novos repórteres.

Halex Vieira trabalha na empresa RBS TV há mais tempo do que tem de profissão, iniciou há 30 anos como distribuidor de equipamentos para as equipes jornalísticas, e depois de quatro anos começou a exercer a função de repórter cinematográfico. Esse profissional já atuou em diversas editorias e também ministrou cursos para repórteres cinematográficos egressos na empresa. Atualmente ele trabalha na editoria de jornalismo geral, com produções factuais e programas ao vivo.

Após a realização das entrevistas, esta pesquisa foi degrevada para a execução da monografia, e elas estão disponíveis nos *apêndices*⁵. A degrevação foi agrupada em respostas de acordo com as temáticas que foram surgindo a partir das falas dos

⁴ *Hard News* – Notícias factuais de interesse do público, assuntos importantes.

⁵ *Apêndices* – pesquisa degrevada disponível na página nº 29.

entrevistados. A partir dos perfis apresentados e as entrevistas executadas, é possível notar alguns debates em torno do uso de câmera de celular, separados em eixos de discussões conforme eixos, como sobre o uso da câmera de celular na produção de reportagens, a substituição das câmeras *camcorders* por câmera de celular, a prática dos profissionais com manuseio de celulares, e qual a importância desse profissional no mercado de trabalho, conforme apresentado a seguir.

5.1 AS REPORTAGENS REALIZADAS COM O USO DA CÂMERA DE CELULAR

O uso de câmera de celular para produção de reportagem tem sido comentado no meio da comunicação. Sendo uma adaptação em relação ao uso de câmeras de celular pela prática dos jornalistas, isso acaba trazendo um impacto grande tanto na mudança da produção quanto na qualidade dessa produção. (RIBEIRO, 2005, p. 172) Mesmo que já se venha falando sobre o uso de câmera de celular há algum tempo, esse assunto é atual e necessita dessa pesquisa para que possa atender o público do jornalismo, principalmente em relação aos repórteres cinematográficos.

Quanto à qualidade das reportagens com o uso de imagem de câmera de celular nas produções das reportagens no RBS Notícias, há controvérsias dos profissionais em relação a esse tema. Pois, para Guto Teixeira (TEIXEIRA, Guto. Entrevista I. [Fev. 2021]. Entrevistador: William Rodrigues Ramos. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia), que diz que a imagem não altera no repassar das informações jornalísticas ao público, assim como para Daniel Musa, que diz que “com câmeras de celular de alta definição o jornalismo ficou veloz, pelas imagens de flagrantes jornalísticos citando até mesmo gravações das grandes produções”. Em sua opinião, com os celulares de hoje, qualquer pessoa pode fazer uma gravação e virar notícia, como ele mesmo cita o caso da morte de João Alberto no supermercado Carrefour em 19 de novembro de 2020 na cidade de Porto Alegre, cuja imagem que rodou o mundo foi feita por um celular. Musa ainda reforça que, se, em 2001, no ataque às torres gêmeas já existissem celulares com boas câmeras, teríamos a tragédia vista de vários ângulos.

Figura 6 – Flagrante feito com imagem de celular



Fonte: Reprodução Jornal Hoje (Globoplay)

Já para Halex Vieira (VIEIRA, Halex. Entrevista II. [Fev. 2021]. Entrevistador: William Rodrigues Ramos. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia), a imagem de celular é incomparável à imagem do uso de *camcorders*, a qualidade e as variedades de funções que essas câmeras dão aos profissionais vão além de uma mera imagem padrão de celular, o que pode afetar o produto final. Glaucius Oliveira (OLIVEIRA, Glaucius. Entrevista III. [Fev. 2021]. Entrevistador: William Rodrigues Ramos. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo. mp3 (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia) concorda em parte com Halex quando diz que as câmeras profissionais ainda superam as câmeras de celular, porém também partilha do pensamento de Musa (MUSA, Daniel. Entrevista III. [Fev. 2021]. Entrevistador: William Rodrigues Ramos. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo. mp3 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia) e Teixeira, porque ele alega que a chegada dos dispositivos móveis foi um divisor de águas, antes o telejornalismo contava só com *camcorders*, com celulares possuindo câmeras de alta definição isso mudou.

O uso de câmeras de celular para captação de imagens tornou-se muito comum e é fácil registrar todos os momentos, que muitas vezes isso acaba se tornando notícia:

O tamanho e a leveza das câmeras digitais e dos celulares, sua aderência a uma das concavidades mais táteis do nosso corpo, a palma da mão, a facilidade de sua manipulação, a visualização imediata do recorte da realidade visível capturada pelo clique, a conexão com o computador, a possibilidade de envio para quaisquer pontos do planeta, tudo isso transformou o ato fotográfico em mania e frenesi. Qualquer instante do cotidiano, por mais insignificante que possa parecer, tornou-se fotografável, instaurando o império do aqui e agora. (SANTAELLA, 2007, p. 394)

Alessandro Agendes (AGENDES, Alessandro. Entrevista IIIII. [Fev. 2021]. Entrevistador: William Rodrigues Ramos. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo. mp3 (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia), por sua vez, olha por outra perspectiva, a partir de um telejornalismo em que as emissoras a cada dia precisam ser mais ágeis com a divulgação das notícias, e ainda analisa do ponto de vista positivo de que as emissoras contam com a colaboração dos telespectadores na elaboração dos conteúdos.

Representando as falas dos profissionais, segue a demonstração na qualidade entre imagem com uso de câmera de celular na figura 7 e a qualidade da imagem de câmera *camcorder* na figura 8:

Figura 7 – Sonora captada com câmera de celular



Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

Figura 8 – Imagem captada com câmera *camcorder*



Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

5.2 SUBSTITUIÇÃO DE *CAMCORDER* PELO APARELHO CELULAR

A tecnologia é algo muito dinâmico, enquanto um aparelho de última geração está em uso, outro aparelho é lançado, superando a tecnologia do aparelho anterior. “A rapidez com que estes aparelhos evoluíram e se enraizaram na sociedade é uma consequência da forma como tecnologia e utilizador se influenciam mutuamente”. (CANAVILHAS, 2012, p. 6)

Essa velocidade constante faz com que os profissionais estejam sempre se atualizando e se adaptando às novas ferramentas de trabalho. Uma das grandes incógnitas que pairam no mundo telejornalístico atual é a questão da utilização de celular para a captação de imagem profissional na produção de reportagem. Fato é que o celular já está inserido em algumas situações, a grande questão é se essa ferramenta vai substituir as *camcorders* de forma definitiva.

Essa questão divide opiniões, mesmo entre repórteres cinematográficos com muitos anos de profissão, pelo fato deles acompanharem o avanço da tecnologia na perspectiva de dentro da profissão. Conforme Guto Teixeira e Alessandro Agendes, o celular poderá substituir as câmeras convencionais que hoje são utilizadas nas produções das reportagens telejornalísticas. Mesmo concordando com essa

possibilidade, os motivos são diferentes. Teixeira pensa que, para a emissora, o lado financeiro se sobressairá à qualidade e durabilidade do equipamento e que, nesse caso, a informação irá se sobrepor à estética. Agendes acredita que isso já está acontecendo e que essa mudança está sendo gradual. A empresa não pensará somente no custo menor em questão das câmeras, mas sim em questão da mão de obra, ou seja, os repórteres passarão a ser videorepórteres. (TEIXEIRA e AGENDES, 2021)

Já para Halex Vieira, Daniel Musa e Glaucius Oliveira, não há a possibilidade de substituir totalmente câmeras profissionais. O celular será um complemento para a produção em momentos específicos. Vieira acredita que o celular é utilizado em situação pontual, como na captação de imagem de um local pequeno ou onde não seja necessária a variação de lente. Musa analisa outro ponto de vista, de que o celular tem determinadas limitações diferentes das câmeras profissionais, que aguentam tanto chuva, calor, frio e sol e ainda têm recursos de áudio e vídeo, o que o celular ainda não possui, opinião parecida de Oliveira sobre esse tema. (VIEIRA, OLIVEIRA e MUSA, 2021)

Muitas vezes o uso do celular para a captação da imagem para uma reportagem ou notícia se torna um aliado e acaba por ter uma qualidade quase imperceptível para o telespectador. O uso torna-se mais prático e de fácil acesso. (SIQUEIRA; CAMPOS, 2019, p. 85)

5.3 REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS OPERANDO CÂMERAS DE CELULAR

Quando se fala em repórter cinematográfico, a primeira imagem que vem à mente é de um profissional com uma câmera grande no ombro. Mas para Halex Vieira o celular nas mãos de um profissional da imagem é uma ferramenta que pode agregar criatividade na produção. As *camcorders*, por vezes, ficam de lado e a câmera de celular é usada como câmera principal, deixando a qualidade de lado, segundo ele. (VIEIRA, 2021)

O bom repórter cinematográfico já utiliza o celular, ele sabe o momento de trocar a câmera *Broadcast*⁶ pelo celular e usufruir desse recurso, segundo Daniel Musa. Algo parecido com o que pensa Glaucius Oliveira, para quem o olhar de um profissional da imagem nunca será substituído; as câmeras mudam, mas os profissionais seguem. O

⁶ *Broadcast* – Emissão e transmissão de sons e imagens por meio do rádio ou da televisão sob forma de notícias.

fato de ser repórter cinematográfico não está na câmera que ele carrega, e sim no seu conhecimento e na técnica profissional, que foram adquiridos com o passar do tempo e as vivências do dia a dia. (MUSA e OLIVEIRA, 2021)

A posição de Alessandro Agendes quanto a usar um celular para captação de imagem é de que quando há possibilidade de entrar em algum lugar ou alguma demanda de conteúdo rápido, onde a redação propõe a ser um conteúdo extraído com uma velocidade muito grande, o repórter cinematográfico tem que usar a câmera de celular, e isso deve ser agregado nas práticas e atividades produtivas. Não se pode querer que todo conteúdo jornalístico de uma TV seja feito assim, caso contrário vira canal de internet. (AGENDES, 2021)

Nesse tema há alguns pontos em que a categoria divide opinião. Pode-se pensar que qualquer um pode operar um celular e que para isso não precisa ter qualquer conhecimento sobre o assunto. Guto Teixeira, por exemplo, acha que o repórter cinematográfico não se encaixa em nenhum cenário com o telefone celular. A opinião dele é que a imagem de um celular até mesmo uma criança é capaz de fazer. Uma equipe de reportagem faz uma matéria que respeita o espectador e os patrocinadores por meio da qualidade, aliás, ninguém compra um televisor de 8K para ver imagem de câmera de celular. (TEIXEIRA, 2021)

De certa forma, mesmo Guto Teixeira não concordando com um cenário onde o repórter cinematográfico somente opere um celular, ele concorda que a imagem feita com um celular, no mínimo, serve para passar informação em forma de flagrantes.

Na figura 9 temos a captação de imagem de celular de um profissional, onde se vê enquadramento, orientação da televisão e também nitidez de imagem.

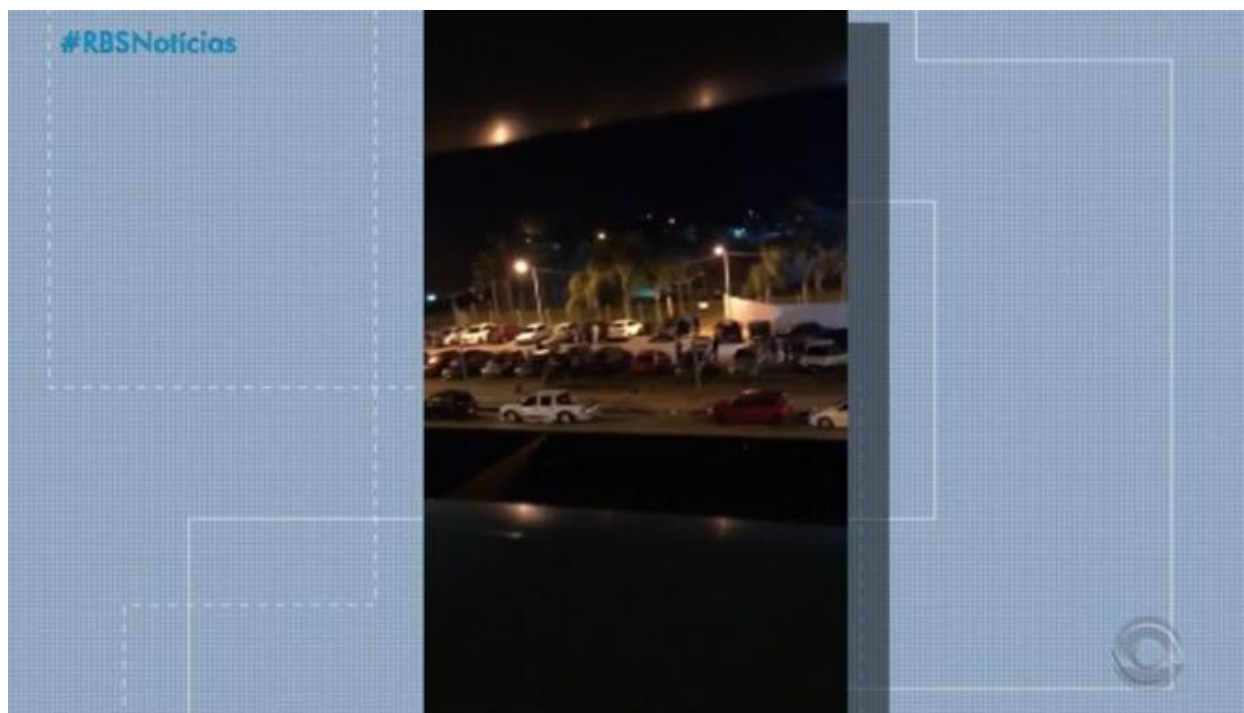
Figura 9 – Reportagem gravada com celular operado por um repórter cinematográfico



Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

A figura 10 traz a captação de imagem de celular de um amador. O autor não se preocupou com a orientação do celular horizontal, e o enquadramento.

Figura 10 – Reportagem gravada com celular operado por um cinegrafista amador



Fonte: Reprodução RBS TV (Globoplay)

5.4 REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS E A IMPORTÂNCIA DA PROFISSÃO

Com a inserção dos aparelhos de celulares na rotina do telejornalismo, é preciso entender até onde vai a importância de contar com um profissional da imagem em uma equipe de telejornalismo. Mesmo que altere a aparelhagem e venham novas tecnologias, os repórteres cinematográficos sempre estarão presentes e à frente, exercendo sua atividade prática. “No telejornalismo, são os repórteres cinematográficos os responsáveis por lançar mão de um conjunto de critérios e procedimentos profissionais que permitem o registro imagético dos fatos de maneira a ressaltar sua relevância.” (REIS, 2017, p. 5)

Na perspectiva da importância dos profissionais da imagem, os entrevistados afirmam de maneira unânime que a presença de um repórter cinematográfico é de extrema importância na qualidade das reportagens e no dia a dia do telejornalismo. “Um profissional da imagem é essencial para um bom telejornalismo.” (TEIXEIRA, 2021)

Tratando-se da importância desses profissionais, surgem questões como o videorepórter, que é quando o próprio repórter se encarrega de captar as imagens, fazer o texto e o fechamento de uma reportagem. Halex Vieira tem uma opinião formada sobre esse tema. Para ele, quando a responsabilidade da imagem é agregada à função do repórter, perde-se em imagem e em conteúdo. O profissional da imagem vai ajudar o repórter na construção da reportagem. (VIEIRA, 2021)

Nesse sentido, Alessandro Agendes concorda com Halex. Ele afirma que o repórter com um celular, um bloquinho e uma caneta já tem dificuldade. Um videorepórter não consegue enxergar com tanta clareza o que está acontecendo à sua volta como um repórter cinematográfico consegue. Repórteres cinematográficos, cinegrafistas, são de suma importância para o jornalismo de TV, sem eles não se faz jornalismo de TV. (AGENDES, 2021)

No jornalismo televisivo, o profissional da imagem é peça fundamental; ele tem que estar ligado em tudo que acontece a seu redor. Uma reportagem com qualidade nunca terá um peso maior se as imagens não forem feitas por um repórter cinematográfico. Ele dá o acabamento e a execução, fazendo com que o telespectador se transporte para o local da gravação. (OLIVEIRA, 2021)

Daniel Musa define ser fundamental numa produção de reportagem ter esse profissional, pois cabe a ele decidir qual câmera, lente, luz e qual fotografia devem ser

usados. Se você quer qualidade, tem que pesquisar e procurar um profissional competente, assim o resultado vai aparecer e será satisfatório. A profissão de repórter cinematográfico nunca vai acabar, porém vai diminuir a quantidade de vagas no mercado para esses profissionais. (MUSA, 2021)

5.5 ANÁLISE DO PERFIL PROFISSIONAL

O perfil profissional pode ser analisado a partir da teoria gnóstica já citada. As respostas dos entrevistados confirmam que a teoria faz parte desse grupo profissional. Temos essa certeza quando nos deparamos com as respostas que se direcionam na mesma perspectiva.

A teoria gnóstica diz que os rituais e comportamentos se dão através da convivência, de conversas que se inspiram de forma comum. As situações que acontecem em comum e por trabalhar em uma mesma empresa justificam o fato de obter respostas muito parecidas na entrevista. Assim como nas respostas sobre o uso de câmera de celular por repórteres cinematográficos, onde o entrevistado do apêndice B e C afirma que o bom profissional já utiliza a ferramenta e que ela veio para agregar nas produções de reportagens. Por serem profissionais que têm tempo de empresa parecido e por terem relações com outros profissionais, relatam que o celular poderá ser incluso sim no dia a dia.

A prova da teoria gnóstica é quando o entrevistado do apêndice D também revela o pensamento parecido com os dos colegas, quando diz que o olhar do repórter cinematográfico profissional sempre será um divisor de águas, ou seja, sempre haverá espaço para o profissional seguir na área. Ele acredita que, independente do produto ou ferramenta que for utilizado, não haverá substituição do profissional. Esse profissional sempre estará presente e se adaptando às novas tecnologias que vão surgindo no mercado de trabalho.

Podemos comprovar essa teoria também em outra questão que se identifica nas respostas, entre o entrevistado do apêndice B e do E, onde se referem à qualidade e ao avanço da tecnologia na agilidade de poder emitir notícias, ou seja, com um celular pode-se fazer notícia a toda hora, a qualquer momento, de forma que ela chegue ao telespectador quase que instantaneamente.

Fazendo relação com as repostas, assim temos a confirmação de que quando as pessoas têm as mesmas respostas ou até mesmo parecidas, diz respeito à teoria

gnóstica. Pode-se dizer também que, se essa mesma pesquisa fosse feita entre profissionais de emissoras diferentes, certamente teríamos outro resultado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, realizou-se uma breve reflexão de como é vista na perspectiva dos repórteres cinematográficos a câmera de celular, que a cada dia está se inserindo mais dentro das produções de reportagem, como foi possível notar durante o desenvolvimento desta pesquisa. O tema foi escolhido pelo fato do pesquisador ser um repórter cinematográfico e ter interesse no tema, que ainda é muito aberto e não possui uma multiplicidade de debates acerca do dispositivo móvel para produzir reportagens no telejornalismo.

O telejornal RBS Notícias é uma obra com um acabamento fino e apurado, com uma estrutura consolidada no cenário da televisão gaúcha. O motivo que atrai o telespectador é que as notícias veiculadas nesse programa, normalmente, são de fácil compreensão e seguem um padrão de qualidade. Em análise desse telejornal durante uma semana em meio à pandemia, notou-se um aumento de 27% no uso de câmeras de celulares durante as reportagens em relação à semana anterior à pandemia. Com esse dado, procurou-se entender como isso é visto na perspectiva do repórter cinematográfico.

Para que pudessem ser observadas diferentes perspectivas, optou-se por escolher profissionais de diferentes editorias do telejornalismo da RBS TV. Repórteres cinematográficos com experiências diferentes, mesmo que dentro de uma mesma empresa de comunicação. A pesquisa contou com os seguintes perfis de profissionais: um profissional mais voltado ao jornalismo investigativo, um com uma experiência maior em transmissão de grandes eventos, um atualmente focado em matérias de gaveta, um que trabalha mais diretamente no RBS Notícias e com matérias factuais e um profissional focado atualmente em programas ao vivo e reportagens factuais.

Por meio desse estudo observa-se que, na maioria dos casos, os profissionais têm posições parecidas sobre o assunto, o fato de trazer editorias diferentes não interferiu no resultado, porque o pensamento está atrelado a culturas, hábitos e vivências parecidas dessas pessoas que trabalham em uma mesma empresa.

Ressalta-se outro ponto que é a visão crítica quanto ao equipamento, o que está atrelado à resistência dos profissionais por considerar que a profissão é somente operacional, que se resume em manusear uma *camcorder*. Isso esconde a capacidade de reflexão acerca da profissão e da importância do repórter cinematográfico na construção da notícia. O profissional, quando tem uma visão negativa do aparelho

celular, ignora seu potencial, seu conhecimento técnico e o conhecimento que acumulou durante o tempo.

Em contrapartida há também um entendimento de que a câmera de celular já faz parte do dia a dia das equipes de reportagem, mas não na sua totalidade, e sim para momentos oportunos na rotina dos profissionais. Isso faz acreditar que o uso da câmera de celular veio para agregar no processo da produção do telejornalismo e não para substituir outro equipamento na totalidade.

A proposta desta pesquisa realizou-se dentro de uma única empresa. Para entender a visão da categoria como um todo sobre câmera de celular, é necessário que seja feita uma nova pesquisa que conte com a perspectiva de profissionais da imagem de diferentes emissoras. A partir disso o pesquisador tem interesse de seguir a pesquisa em outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gilvan Ferreira de. **Telejornalismo: da história às técnicas**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1983.

BACELLAR, L.; BISTANE, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BILATE DE SOUZA, Tainá. **Telejornalismo: Entre Fato e o Espetáculo**. Um olhar sobre o Profissão Repórter. 2010. 59 p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 83.284**, de 13 de março de 1979. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. Brasília, mar. 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d83284.htm>. Acesso dia 25/02/2021.

CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. **Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico**. In: GRUBTS, S.; NORIEGA, J. A. V. Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004.

CAMPOS, Fabiana Cardoso; SIQUEIRA, Roberto Falcão. O uso dos dispositivos digitais móveis na produção de uma reportagem especial em vídeo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, 2019.

CANAVILHAS, J. **Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimidiática e personalizada**. Actas do IV CILCS – Congresso Internacional Latina de Comunicación, 2012.

CARVALHO, A. et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

Com a chegada do coronavírus, rotina de repórteres muda e tecnologia vira aliada para acompanhar jogadores e clubes. Globoplay, 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8747101/>>.

DEGL'IESPOSTI, C. Julio. **A grande-reportagem na televisão brasileira: Um estudo do Globo Rural**. SP: Dissertação de Mestrado, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2009. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp->

[content/uploads/2014/04/A-grande-reportagem-na-televis%C3%A3o-brasileira.pdf](#)> Acesso dia 01/03/2021.

GIL, C. A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

GONÇALVES, Antonio. **Repórter Cinematográfico é Jornalista**. 2006. 54 p. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

GOMES, I. M. **Questões de método na análise do telejornalismo**: premissas, conceitos, operadores de análise. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Salvador, p. 1 a 31, Abril, 2007.

GRUPILLO CHAGA, Aline. Quase Jornalista: a regulamentação profissional e o problema do repórter cinematográfico no Brasil. **Compólitica**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 10-12. maio, 2017.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

Homem negro morre após ser espancado em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre. Globoplay, 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9039722/>>.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

LIMA, E. P. **Ayrton Senna, Guerreiro de Aquário**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTINS, Nelson. **Fotografia**: da analógica à digital. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2010. Novo Manual da Redação. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.

MENDES, André Manuel Gomes. **As novas tecnologias ao serviço do Jornalismo**. Relatório de estágio. Universidade de Coimbra, 2013.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

Nossa Voz: atletas negros contam como suas raízes e família ajudaram no esporte e na vida. Globoplay, 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9030560/>>.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOURA, Flavia; ROCHA, Larissa. Memória e história: entrevista como procedimento de pesquisa em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, v. 12, n. 2, p. 161-176, maio/ago. 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ângelo. **O uso de telefones celulares para a produção de conteúdo: viabilidade, possibilidades e necessidades**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 2, p. 169-174, 2º semestre de 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SOUZA LEAL, Bruno. **Reflexões sobre a imagem: um estudo de caso**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Belo Horizonte, v. 5, p. 1-13, 2006.

Torcedor Raiz: conheça Reni Teixeira, funcionário do Esportivo e apaixonado pelo clube. Globoplay, 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9490523/>>.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A (BookMan Companhia Editora), 2001.

YORKE, I. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Guto Teixeira.....	31
APÊNDICE B – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Halex Vieira.....	32
APÊNDICE C – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Daniel Musa	33
APÊNDICE D – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Glaucius Oliveira	34
APÊNDICE E – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Alessandro Agendes	35

APÊNDICE A – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Guto Teixeira

O que mudou na qualidade das produções de reportagens com o aumento das câmeras de celular?

A qualidade segue o avanço da tecnologia, não percebo uma diferença tão grande em se tratando de informação jornalística.

Crê que existe a possibilidade das câmeras *camcorders* serem substituídas pelas câmeras de celular?

Sim, apesar da total falta de qualidade e durabilidade do equipamento, o celular é 98% mais barato... nesse caso, a informação irá se sobrepor à estética.

Onde e como se encaixaria o repórter cinematográfico com o uso das câmeras de celular?

O repórter cinematográfico não se encaixa em nenhum cenário com o telefone celular, imagem com celular é registro que uma criança de cinco anos é muito capaz de fazer. O olhar do cinegrafista é um olhar apurado, é uma forma de mostrar o que é realmente relevante para o telespectador. Eu ainda tenho esperança no futuro da profissão, o celular irá servir de informação como flagrantes e pós isso a equipe faz uma matéria que respeita o espectador e os patrocinadores com sua qualidade. “Ninguém compra uma TV 8K pra ver imagem de celular!”

Como vê a importância de sua profissão para a qualidade das produções de reportagens?

A importância... Não acho importante, acho essencial, para o bom telejornalismo, precisa necessariamente de bons cinegrafistas.

APÊNDICE B – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Halex Vieira

O que mudou na qualidade das produções de reportagens com o aumento das câmeras de celular?

A qualidade de imagem de um celular não se compara a de uma câmera de vídeo.

A lente de uma câmera fornece uma variedade de enquadramentos que o celular, por mais resolução que tenha, não consegue oferecer.

Crê que existe a possibilidade das câmeras *camcorders* serem substituídas pelas câmeras de celular?

O celular é um complemento, pode ser usado como uma ferramenta para situações de pouco espaço, uso em guimbal, uso onde não seja necessária a variação de lente.

Onde e como se encaixaria o repórter cinematográfico com o uso das câmeras de celular?

O celular nas mãos de um profissional da imagem é uma ferramenta que pode agregar criatividade na produção.

De uns tempos pra cá, tem-se usado como câmera principal ou a única câmera, deixando muitas vezes a qualidade para trás.

Como vê a importância de sua profissão para a qualidade das produções de reportagens?

A importância do profissional da imagem, repórter cinematográfico, cinegrafista, operador de câmera, seja qual for a denominação, vai fazer toda a diferença na qualidade da produção. Quando a responsabilidade da imagem é agregada à função do repórter, perde-se em imagem e conteúdo.

Um profissional da imagem vai ajudar o repórter na construção da reportagem.

APÊNDICE C – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Daniel Musa

O que mudou na qualidade das produções de reportagens com o aumento das câmeras de celular?

Com a chegada dos celulares com câmeras de alta definição ficou mais fácil fazer imagens para as reportagens, seja imagens de flagrantes jornalísticos ou até gravações de grandes produções. Hoje qualquer pessoa pode fazer uma grande imagem com o seu celular, basta estar no lugar certo e na hora certa. Se, em 2001, no ataque às torres gêmeas, as câmeras dos celulares fossem com a qualidade de hoje, teríamos vários ângulos dos aviões se chocando com as torres. Recentemente tivemos o triste e lamentável episódio no supermercado Carrefour de Porto Alegre, foi da lente de um celular que essa imagem foi vista no mundo todo.

Crê que existe a possibilidade das câmeras *camcorders* serem substituídas pelas câmeras de celular?

Não, câmeras *broadcasting* são feitas para aguentar calor e frio, sol e chuva, têm uma perspectiva de durar mais e também têm recursos de áudio e vídeo que ainda os celulares não têm.

Onde e como se encaixaria o repórter cinematográfico com o uso das câmeras de celular?

O bom repórter cinematográfico já utiliza o celular, ele sabe o momento de trocar a câmera *broadcasting* pelo celular e usufruir desse recurso, exemplo: numa cobertura de protesto ou manifestação, você vai conseguir imagens e depoimentos interessantes com o celular na mão e não vai se expor com a câmera *broadcasting*, independente em qual veículo você trabalha.

Como vê a importância de sua profissão para a qualidade das produções de reportagens?

O repórter cinematográfico nunca vai acabar, embora vai diminuir, é fundamental numa produção de reportagem você ter esse profissional, cabe a ele decidir qual câmera, lente, luz, fotografia... vai ser usada. Se você quer qualidade, tem que pesquisar e procurar um profissional competente, assim o resultado vai aparecer e será satisfatório.

APÊNDICE D – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Glaucius Oliveria

O que mudou na qualidade das produções de reportagens com o aumento das câmeras de celular?

Foi um divisor de águas a chegada dos dispositivos móveis. Antes só as câmeras profissionais captavam imagens com definição. Com a chegada dos celulares com câmera, tudo mudou; nos dias atuais uso bastante o telefone para captação de imagens no jornalismo, claro que a câmera profissional supera ainda, mas chegamos a um ponto que não se percebe muita diferença, principalmente para os telespectadores que não têm o entendimento necessário para isso.

Crê que existe a possibilidade das câmeras *camcorders* serem substituídas pelas câmeras de celular?

Acho que não, as câmeras profissionais têm uma durabilidade muito maior. Elas são feitas para o trabalho diário de sol a sol. O que pode, sim, os celulares serem usados como apoio, isso já está acontecendo.

Onde e como se encaixaria o repórter cinematográfico com o uso das câmeras de celular?

Ele se encaixa sempre; o olhar diferenciado do profissional da imagem sempre será um divisor de águas. Seu olhar apurado nunca será substituído, as câmeras mudam, mas os profissionais seguem.

Como vê a importância de sua profissão para a qualidade das produções de reportagens?

No jornalismo televisivo o profissional da imagem é peça fundamental, ele tem que estar ligado em tudo que acontece a seu redor. Penso que uma reportagem com qualidade nunca terá um peso maior se as imagens não forem feitas por um repórter cinematográfico. Ele dá o acabamento e a execução

fazendo com que o telespectador se transporte para o local da gravação. Coisa que um amador não consegue, até pode fazer, mas não chega próximo ao produto final que o cinegrafista entrega. “O melhor recorte da realidade é dado pelo profissional da imagem”, e tenho dito.

APÊNDICE E – Degrações da entrevista com o repórter cinematográfico Alessandro Agendes

O que mudou na qualidade das produções de reportagens com o aumento das câmeras de celular?

No meu entendimento, o que mudou foi a velocidade da informação, num jornalismo de TV isso cada dia mais tá sendo implantado em realidade nas coberturas jornalísticas. Quando você tem um “telespectador repórter”, um telespectador que elabora um conteúdo de imagem, que produz este conteúdo pras televisões, a instantaneidade e a velocidade da informação fica muito mais rápido e assim a TV consegue competir com os outros veículos, os outros canais, *on-line*, de *YouTube* de mídias sociais, e aí sim esse celular é uma ferramenta que é posta em prova.

Crê que existe a possibilidade das câmeras *camcorders* serem substituídas pelas câmeras de celular?

Sim! e ISSO JÁ ACONTECE. Isso acontece dentro de uma grande empresa como a nossa, a RBS TV. E o repórter hoje que pode usar um “kit light” como se chama, que é: microfone, celular, tripé e outros artifícios, ele já é um cinegrafista/repórter, então já é uma realidade e não mais uma possibilidade. E o celular sim ele já veio, ele já tá aí pra somar junto com a produção de conteúdo quando a gente não consegue chegar em lugares muito mais rápido. E sim as empresas hoje estão visando um baixo custo operacional e por isso que o repórter / cinegrafista, o videorepórter, ele utiliza bastante este tipo de material.

Onde e como se encaixaria o repórter cinematográfico com o uso das câmeras de celular?

Eu acredito que nós repórteres cinematográficos nos encaixaríamos com celular quando a possibilidade de entrar em algum lugar ou alguma demanda de conteúdo rápido, muito rápido, instantâneo, onde a redação te propõe a ser

um conteúdo extraído com uma velocidade muito grande, o repórter cinematográfico tem que usar, dado as devidas manutenções e a empresa disponibilizando. Sim! O repórter cinematográfico pode usar e vem de bom agrado. Como eu sempre digo: Com todo cuidado né?! Não vai querer que todo conteúdo jornalístico feito em *broadcast*, feito por uma TV seja feito assim. Daí vira canal de internet, né?! Mas enfim, o repórter cinematográfico tem que se encaixar com o uso de câmeras de celular, tem que entender; quem não entender está fadado a fazer um conteúdo pouco distributivo, mas com certeza essa demanda já é realidade.

Como vê a importância de sua profissão para a qualidade das produções de reportagens?

Em uma TV. Em um jornalismo de TV, um repórter cinematográfico consegue fazer todo um conteúdo, consegue fazer uma reportagem contando histórias com imagens, que é nossa função, contar histórias com imagem. Neste sentido, o repórter com seu celular ou com o seu bloquinho ali com sua canetinha, já tem uma dificuldade, ele não consegue enxergar com tanta clareza como a gente enxerga o que tá acontecendo à sua volta. Então, assim, nós repórteres cinematográficos, cinegrafistas, somos de suma importância para o jornalismo de TV, sem a gente não se faz jornalismo de TV. Faz qualquer outro tipo de jornalismo, mas não se faz jornalismo de TV. Então assim, na produção de reportagem nós somos essenciais, nós somos de suma importância.